

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. PauloClass.: G3R.00028Data 24/09/77

Pg.: \_\_\_\_\_

Newton Carlos

A conferência  
sobre índios <sup>FSP</sup> 24.9.77

Os índios sul-americanos estão reduzidos a 14 milhões. Habitavam o Continente de ponta a ponta, das Antilhas à Patagônia, quando chegaram os descobridores brancos, mas hoje são sete por cento da população. Os dados que correm na I Conferência Internacional sobre a Discriminação Racial contra o Índio, levantados por antropólogos e missionários, mostram formas "indiretas" de genocídio, provocando o desaparecimento de quem foi dono de todas essas terras. Os índios estão no nível mais baixo da escala social e econômica da América do Sul e América Central, o que representa miséria absoluta sob a pressão de formas mais evidentes de violências: partidas de dominadores insaciáveis.

El Salvador ainda hoje lembra do levante de camponeses famintos em 1932, quando foram mortos 30 mil, em sua grande maioria índios. A violência nunca cessou, porque El Salvador continua tendo a oligarquia mais concentrada (são as "14 famílias") da América Latina e o país é um dos poucos latino-americanos com presença no "catálogo da fome" da ONU. Há dois anos, houve novo massacre e as complicações da Igreja salvadorenha têm muito a ver com trabalho missionário junto a índios camponeses. A Federação dos Camponeses Cristãos é das mais ativas na luta contra os 0,7 por cento com o controle de 39 por cento das terras cultiváveis.

## OPERAÇÃO

Os dados vão correndo, na conferência patrocinada pela ONU, na qual o Brasil também é réu. A Bolívia tem três milhões de índios, numa população de cinco milhões. A maioria das crianças índias bolivianas morre antes de completar um ano. O próprio Ministério da Saúde admitiu este ano que a Bolívia tem uma das mais altas taxas do mundo de mortalidade infantil. É de 18 por mil, oficialmente, pegando em cheio índios miseráveis. Os que sobrevivem, dificilmente vão além dos 40 anos. São camponeses e mineiros, fazendo o trabalho mais duro e de remuneração mais baixa. "E preciso ver um acampamento mineiro do altiplano, para sentir o quanto um mineiro pode resistir", escreveu Sérgio Almaraz em seu "Requiem para uma República". Aos 38 anos, o mineiro boliviano, mesmo guardando as feições duras do índio, é um

velho. Os corredores mais movimentados da Bolívia são os das Caixas de Previdência, em La Paz.

No Equador, os índios são 54 por cento de uma população de seis milhões e meio. Segundo a Junta Nacional de Planejamento, 52 por cento dos equatorianos não têm qualquer possibilidade de chegar a um nível de desenvolvimento, tal a extrema pobreza em que vivem. Em algumas partes, as pressões são fortes, exigindo fórmulas mais sofisticadas: o governo boliviano aceitou em princípio entregar áreas do Sudeste do país a 30 mil famílias de colonos brancos da Rodésia, África do Sul e Namíbia, ex-colônia alemã há mais de meio século ocupada pelos sul-africanos e hoje área de guerrilhas. Seriam 150 mil pessoas. No jornal "Hoy", de La Paz, o escritor Augusto Céspedes falou do paradoxo de um país com maioria de índios, camponeses e mestiços importando brancos de "pureza garantida", imaculados pelos "apartheid". "Há quem diga que, eles serão absorvidos pela maioria, mas isto não aconteceu na África do Sul", disse o "Presencia", o principal jornal boliviano. Um ex-presidente, Síles Salinas, da Comissão de Justiça e Paz, condenou as "características do poder econômico e tendência racista" da operação com as 30 mil famílias.

## CONFLITOS

Mas, o racismo e o poder econômico não têm sido, secularmente, instrumentos de opressão de dizimados índios americanos? Uma revista católica da Universidade de El Salvador, intitulada "Abra", denuncia a existência de plano para transferir para Belize, caso a Guatemala assumo o controle da colônia britânica, um milhão de camponeses índios salvadorenhos. Iriam em levadas anuais de 50 mil a 70 mil. Com isto, seriam esvaziadas as pressões em favor de uma reforma agrária real em El Salvador. Há dois anos, o governo salvadorenho procurou contornar essas pressões adotando uma lei de "transformação agrária", cuja efetivação pode levar de 100 a 200 anos. Não adiantou nada: os conflitos no campo se agravaram, com ameaças de novo massacre estilo 1932. "O medo de um levante generalizado é real", escreveu o "New York Times".